

Novas bancadas definirão bloco

O presidente Fernando Collor decidiu adiar por uma semana a formação do bloco parlamentar de apoio ao governo na Câmara dos Deputados, depois das informações que recebeu dos líderes convidados para o almoço de ontem no Planalto. Collor recomendou aos políticos governistas que esperem um pouco e analisem melhor a composição das bancadas que tomarão posse em fevereiro do ano que vem.

Ao chegar para o almoço com o presidente, o líder do PRN, deputado Arnaldo Faria de Sá, mostrava entusiasmado o levantamento que acabara de fazer nas bancadas da atual legislatura e as dos deputados eleitos em outubro passado. "Eu trouxe o mapa da mina para o presidente. Se ele quiser fazer na Câmara o mesmo que fez no Senado, vai conseguir." De acordo com a pesquisa de Arnaldo Faria, 256 parlamentares, ou seja, 51% dos que vão assumir seus mandatos, apóiam o governo. Foram computados 11 partidos e seus deputados: o PFL com 83; o PDS com 42; o PRN com 41; o PTB com 38; o PDC com 22; o PL com 16; o PSC com 5; o PRS com 4; o PST e o PTR com dois por partido e, finalmente, o PSD, com um deputado.

Sobre os deputados em final de mandato, o líder do PRN também comemorava: "A resposta é positiva", garantiu, acrescentando que também em "outros partidos" há parlamentares dispostos a integrar o bloco de apoio ao governo, sem, no entanto, revelar a que partidos pertencem. Ao final do almoço com Collor, o entusiasmo havia desaparecido. "Matematicamente, temos maioria. Resta avaliar a conveniência política da formação de um bloco", retificava, cauteloso.

No mesmo tom, o líder do PFL, Ricardo Fiúza, disse não estar convencido de que formar um bloco de apoio ao governo seja a melhor opção, argumentando que, primeiro, é preciso ouvir as novas bancadas que chegarão à Câmara. A preocupação de Fiúza se estende também aos parlamentares do PMDB que costumam votar a favor das propostas do Executivo. "Será que vale a pena expor 25 a 30 companheiros do PMDB, que sempre votaram conosco?", indagou o deputado.

Em meio à diluição do entusiasmo inicial pela formação de um bloco, o líder do PDS, deputado Amaral Netto, ainda tentava definir o que significa um bloco. "Não pode ser um bloco que se reúne de vez em quando, mas que dê apoio político ao governo, permanentemente", propunha. Amaral também defendeu a mudança no regimento interno da Câmara, pelo qual a formação de blocos limita a figura do líder partidário. Amaral acredita que essa limitação pode levar

muitos parlamentares a resistirem à idéia de formação de um bloco.

Contar com a totalidade dos integrantes desses partidos também pode ter sido uma precipitação de Faria. O deputado Afif Domingos (PL-SP), atual líder do partido, diz, por exemplo, que até 31 de janeiro, enquanto responde pelo Partido Liberal, "não tem bloco coisa nenhuma". Quanto aos novos eleitos, o PL fará avaliação a partir do final deste mês. Desde já Afif deixa claro: "O partido não tem canga".

Esforços — De qualquer maneira, Collor decidiu investir seus esforços na formação de uma maioria parlamentar no Congresso. "Vou me dedicar a solidificar a base partidária no Congresso", assegurou o presidente aos deputados Ricardo Fiúza, Amaral Netto, Arnaldo Faria e Humberto Souto, líder do governo na Câmara. Collor deu explicações sobre o atraso dessa aproximação e fez um resumo didático de seu governo, justificando-se: "Não posso fazer tudo ao mesmo tempo".

O presidente afirmou que sua primeira preocupação foi elaborar o plano econômico. Em seguida, era preciso desenvolvê-lo, para evitar que naufragasse como os anteriores. Depois, vieram as eleições, atropelando o percurso político de seu governo. Agora, chegou a vez do Congresso. Segundo as palavras do líder do PFL, Collor quer inaugurar uma fase de "franqueza, amizade e, principalmente, de contato com as bancadas e discussão prévia dos assuntos".

No almoço com os líderes, Collor apontou para uma solução próxima na questão de salários. "Estou esperançoso de que, no dia 28, as forças que compõem a mesa do entendimento nacional possam definir a questão salarial", disse, otimista, o presidente. Para isso, admitem todos, é preciso formar um bloco governista, formal ou informal.

Quando deixou seu gabinete da liderança, Fiúza munuiu-se de um exemplar do Regimento Interno da Câmara, o código que rege o trabalho dos deputados. As ponderações que ele levou ao presidente — fundamentadas no livro —, aceitas por seus colegas, adiaram pelo menos até a próxima legislatura, em fevereiro, a formação do bloco governista, que excluiria dissidentes eventuais de outros partidos, como o PMDB, que tem entre 25 a 30 votos rebeldes, de apoio ao governo. O tempo exíguo que resta aos atuais líderes, antes de serem renovadas as lideranças, também pesou contra a idéia. Amaral Netto lembrou: "Não tenho certeza de minha reeleição como líder da bancada. Não conheço 60% dos meus liderados."